

Universidades Lusíada

Vasconcelos, João Manuel Maia Serpa de, 1956-

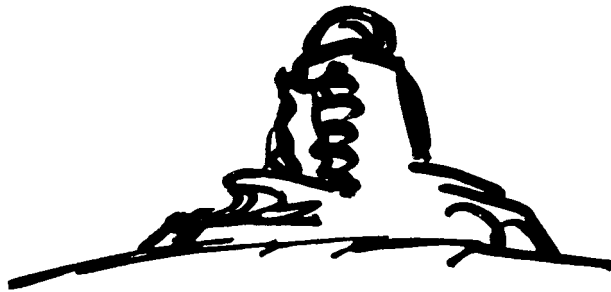
Pensamento fixado no momento?

<http://hdl.handle.net/11067/4818>

Metadados

Data de Publicação	1998
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-05T09:41:50Z com
informação proveniente do Repositório



Postdam, a torre de Einstein (E. Mendelsohn, 1920)

PENSAMENTO FIXADO NO MOMENTO ?

JOÃO VASCONCELOS

Preâmbulo - Conhecimento científico, linguagem, e intuição encontram-se subjacentes à prática do *schizzo*. É objecto deste artigo o de ensaiar a ponte entre o desenho e a escrita, realizando-o sob o ponto de vista do estilo.

De Vitruvius a Alexander - O processo criativo em Architectura tem sido objecto de reflexões profundas por vários autores, que de algum modo têm contribuído para a compreensão da sua complexidade. No capítulo I dos «Dez Livros de Architectura» Vitruvius dizia ser necessário um conhecimento praticamente enciclopédico, abarcando as «Sete Artes Liberais» (desenho, geometria, aritmética, óptica, filosofia, música, medicina, jurisprudência e astronomia), considerando a Architectura uma ciência. No seu famoso livro «Notes On The Synthesis of Form», de 1964, Christopher Alexander reconhecendo a complexidade crescente dos problemas funcionais, apresenta um método lógico para quem lida com projectos relacionados com a forma, tentando racionalizar o processo conceptual.

A língua, a escrita e o estilo - Segundo Roland de Barthes a língua é um corpo de prescrições e de hábitos comuns a uma época. É como que um círculo abstracto de verdades, fora do qual começa a depositar-se a densidade de um verbo solitário. A língua é um limite extremo, estando aquém da literatura. O estilo está quase além, já que é uma forma sem destino, produto de um impulso, e não de uma intenção. É um fenómeno de ordem germinativa, e sempre metáfora enquanto equação entre a intenção e a estrutura.

Diz Barthes; «Apesar do seu requinte, o estilo tem sempre qualquer coisa de bruto: é uma forma sem destino, é o produto de um impulso, não de uma intenção, é como uma dimensão vertical e solitária do pensamento. As suas referências estão ao nível de uma biologia ou de um passado, e não de uma História: ele é a *coisa* do escritor, o seu esplendor e a sua prisão, é a sua solidão. Indiferente à sociedade, gesto fechado da pessoa, não é nunca produto de uma escolha, de uma reflexão sobre a Literatura. É a parte privada do ritual, eleva-se a partir das profundezas míticas do escritor, e expande-se fora da sua responsabilidade. É a voz decorativa de uma carne desconhecida e secreta; funciona à maneira de uma Necessidade, como se, nesta espécie de ímpeto (...), o estilo fosse só o termo de uma metalinguagem cega e obstinada, procedente de uma infralinguagem que se elabora no limite da carne e do mundo»(1).

Língua e estilo são dados antecedentes a qualquer problemática da linguagem, são o produto natural do *tempo* e da *pessoa biológica*. Entre a língua e o estilo há uma outra realidade formal: a escrita. Língua e estilo são objectos, a escrita é uma função: é a relação entre a criação e a sociedade; é a linguagem transformada pelo seu destino social. A escrita é a moral da forma.(1)

Esquissos - *Reconhecendo-se a necessidade de consciencialização e racionalização do processo conducente à síntese formal, assim como a necessidade de recurso ao desenho (arquitectónico e clássico) enquanto escrita, o esboço cumpre neste contexto um papel incontornável, ligando a ideia, o programa, e a intuição do arquitecto (e isto para não alargar o seu imenso campo de possíveis actuações).*

Defende-se que estando a língua aquém do pensamento, confundindo-se muitas vezes com o mesmo, e a escrita aquém da língua, o esboço pode ultrapassar as limitações do desenho enquanto escrita, conferindo-lhe novos sentidos, valores e significados, De algum modo aproxima-se do estilo.

A criação arquitectónica nasce de uma emoção, a emoção provocada por um momento e por um lugar (Siza 92)(2). O impulso

lúdico encontra-se também presente no esquisso. J. Rodrigues refere-o mesmo como o impulso dominante na metodologia de Siza. Desmistifica-se porém a ideia de súbita inspiração como explicação do desenho. Este é feito de dependências interdisciplinares, único caminho para qualquer síntese.

O esquisso pode também aproximar-se da poesia moderna. (Doseamos diferentemente as formas de falar consoante as ocasiões sociais, num caso prosa ou eloquência, no outro poesia ou preciosismo, todo um ritual mundano de *expressões*, mas sempre uma linguagem única, que reflecte as categorias eternas do espírito(1)). Neste caso não é uma prosa decorada, nem atributo, mas uma qualidade irredutível e sem hereditariedade. Poderá então renunciar aos signos e à gramática, pois traz em si a sua própria natureza. Louis Kahn dizia dos esquissos de Rodin: «são grandes desenhos porque encerram as potencialidades escondidas do seu medium. São as verdadeiras visões do seu criador»(3). Significativa também a frase de Siza quando diz: «Sempre para mim o exemplo, ao pensar na Arquitectura, veio sempre dos escritores, e deles os Poetas, artífices competentíssimos do registo e do sonho, habitantes da solidão»(4).

Em resumo os esquissos em arquitectura constituem-se como parte integrante de uma linguagem que se vai formulando ao longo de um projecto, constituindo por vezes a sua própria metodologia. São gestos reflectidos incorporando uma forte carga intuitiva e inata, e referem-se a uma escrita particular. São articulação entre o técnico, o social, e o expressivo, síntese entre a informação do real, o desejo e a ideia. Ou, como diria Almada, são o *pensamento fixado no momento*.

Abril de 1998

Notas:

(1) Roland Barthes: *O Grau Zero da Escrita*, Edições 70, 1984

(2) Álvaro Siza: in prefácio de *Álvaro Siza - Obra e Método*, Civilização Editora, 1992

(3) Louis Kahn: *The Value and Aim in Sketching*, 1931 - in *Louis I. Kahn, Writings, Lectures, Interviews*, Rizzoli, N.Y., N.Y., 1991

(4) Álvaro Siza: *O Exemplo do escritor*, in *Álvaro Siza, Obras e Projectos*, Electa, 1995